

*Edith Nesbit, 1893*

## *O mistério da casa geminada*

*Tradução de N. C. A. Gutierrez*

**E**le a estava esperando; ele a esteve esperando por uma hora e meia em uma travessa deserta do subúrbio, com uma fileira de largos olmeiros de um lado e alguns bons locais de construção do outro, e longe a sudoeste, as brilhantes luzes amarelas do Palácio de Cristal. Não era bem uma travessa rural, pois havia pavimento e lamparinas, mas também não era um lugar de todo ruim para um encontro; e mais acima, rumo ao cemitério, era, de fato, bem rural, e quase bonito, especialmente ao crepúsculo. Mas o crepúsculo já há muito se tornara noite, e ele ainda esperava. Ele a amava, e a tomara como noiva para desposá-la, com a completa desaprovação de toda pessoa razoável que havia sido consultada. E o encontro semi-clandestino desta noite tomaria o lugar da entrevista semanal cedida a contragosto, pois um certo tio rico estava em visita à casa dela, e sua mãe não era o tipo de mulher que reconhecia à um tio endinheirado, que poderia “partir” a qualquer momento, uma combinação tão profundamente inelegível quanto ela com ele.

Então ele a esperou, e o calafrio de uma noite severa pouco usual para maio percorreu seus ossos.

O policial passou por ele com pouco mais do que uma resposta ranzinza ao seu “boa noite”. Os ciclistas cruzaram-no como fantasmas cinzentos com suas buzinas; e já eram quase dez da noite, e ela não veio.

Ele levantou os ombros e se encaminhou para seu alojamento. O caminho o levou a casa dela, cobiçável, ampla, geminada, e ele andou devagar conforme se aproximava. Ela pode, mesmo agora, estar saindo. Mas ela não estava. Não havia sinal de movimento pela casa, nenhum sinal de vida, nenhuma luz nem mesmo nas janelas. E essa gente não era de voltar cedo.

Ele parou ao portão, pensativo.

Então notou que a porta da frente estava aberta, bem aberta, e a lamparina da rua iluminava um pouco o interior do saguão escuro. Havia algo em tudo isso que

não o agradava, que o assustava um pouco, até. A casa tinha um ar sombrio e deserto. Era obviamente impossível que ali habitasse um tio rico. O velho deve ter saído cedo. Neste caso...

Ele subiu pelos ladrilhos esmaltados, e ouviu. Nem sinal de vida. Passou pelo saguão. Não havia luz alguma em qualquer lugar. Onde estavam todos, e por que a porta da frente estava aberta? Não havia ninguém na sala de estar, na sala de jantar, e o escritório (três metros por dois) estava igualmente vazio. Todos estavam fora, é claro. Mas a sensação desagradável de que ele, talvez, não fosse o primeiro visitante casual a andar por aquela porta aberta o impelia a olhar pela casa antes que fosse embora e a fechasse atrás de si. Então subiu as escadas, e na porta do primeiro quarto pelo qual passou, acendeu um fósforo de cera, como havia feito nas salas de estar. Mesmo quando o fez, sentiu que não estava sozinho. E estava preparado para ver *algo*; mas para o que viu, ele não estava preparado. O que viu estava deitado na cama, em um solto vestido branco, e era sua amada, e sua garganta estava cortada de orelha a orelha. Ele não sabe o que acontecera naquele momento, nem como desceu as escadas e chegou à rua; mas de alguma forma ele saiu, e o policial o encontrou em crise, debaixo do lampião no canto da rua. Ele não conseguia falar quando o pegaram, e passou a noite na cela da polícia, pois o policial já havia visto muitos bêbados antes, mas nunca um em crise.

Na manhã seguinte ele estava melhor, embora ainda muito pálido e trêmulo. Mas a história que contou ao magistrado foi convincente, e eles enviaram alguns policiais com ele para a casa dela.

Não havia nenhuma multidão lá, como ele imaginava que teria, e as cortinas não estavam fechadas.

Ao que ele aguardou, atordoado, frente à porta, esta se abriu, e ela saiu.

Ele se segurou no batente para não cair.

— *Ela* está bem, vê? — disse o policial que o havia encontrado sob o lampião. — Eu lhe disse que estava bêbado, mas você estava *tão* certo do que estava falando, não é...?

Quando estava às sós com ela, ele lhe disse, não tudo, pois não suportaria dizê-lo, mas como ele havia entrado na ampla casa geminada, e como ele encontrou a porta aberta e as luzes apagadas, e em como ele esteve naquele grande quarto dos

fundos de frente para a escada, e viu algo, e mesmo ao tentar insinuar o quê, passou mal e desabou, e teve que lhe ser servido um conhaque.

— Mas, meu querido, — disse ela — ousou dizer que a casa estava escura, pois estávamos todos no Palácio de Cristal com meu tio, e sem dúvida a porta estava aberta, pois as criadas terminam e saem se deixadas sem serviço. Mas você não poderia ter estado naquele quarto, pois eu o tranquei quando fui embora, e a chave estava no meu bolso. Eu me vesti com pressa, e deixei todas as minhas coisas largadas por aí.

— Eu sei, — disse ele — eu vi um cachecol verde numa cadeira, e umas luvas marrons longas, e vários grampos e fitas, e um livro de orações, e um lenço rendado sobre a penteadeira. Céus, eu até notei o almanaque sobre a lareira, 21 de outubro. Certamente não poderia ser isso, pois estamos em maio. E, no entanto, era. Seu almanaque é de 21 de outubro, não é?

— Não, é claro que não, — ela disse, sorrindo um tanto ansiosamente — mas todas as outras coisas estavam exatamente como disse. Você deve ter tido um sonho, ou uma visão, ou algo assim.

Ele era um jovem bastante simples e comum da cidade, e não acreditava em visões, mas não descansou por dia e noite até tirar sua amada e a mãe dela daquela ampla casa geminada, e as instalar num subúrbio quieto e distante. No processo de remoção, ele se casou com ela, e a mãe foi morar com eles.

Seus nervos devem ter ficado um bocado abalados, pois ele permaneceu bem estranho por um longo tempo, e estava sempre inquirindo se alguém havia adquirido a cobiçada casa geminada; e quando um velho negociante e sua família a pegaram, ele chegou ao ponto de chamar o cavalheiro e o implorar por tudo o que lhe era mais querido, para que não morasse naquela casa fatal.

— Por quê? — perguntou o negociante, não sem estranheza.

E então ele ficou tão vago e confuso, entre tentar dizer por que e tentar não dizer por que, que o negociante o mandou embora, e agradeceu a Deus por não ser tão tolo a ponto de permitir um lunático ficar em seu caminho de adquirir aquela tão notavelmente barata e cobiçada residência geminada.

Agora, a parte curiosa e inexplicável desta história é que, quando ela desceu para o desjejum, na manhã do dia 22 de outubro, ela o encontrou com aspecto mortificado, com o jornal da manhã em mãos. Ele a pegou, não podia falar, e

apontou para o jornal. E lá ela leu que na noite do dia 21 uma jovem moça, a filha do negociante, foi encontrada com a garganta cortada de orelha a orelha, na cama do grande quarto dos fundos, frente à escada daquela cobiçada casa geminada.